

EDUCAÇÃO FÍSICA: PARA ALÉM DA TRANSDISCIPLINARIDADE, O FENÔMENO

Guanis de Barros Vilela Junior
Universidade Metodista de Piracicaba
guanis@gmail.com

Envio original: 10-05-2020. Aceitar: 10-05-2020. Publicado: 01-06-2020.

Resumo

Falar em crise na educação e na Educação Física é no mínimo redundante, já que durante décadas na história da república brasileira, pateticamente, nossa população majoritariamente ficou às margens do desenvolvimento sustentável, na infraestrutura, na indústria, na segurança pública, na educação e na consolidação de uma sociedade menos desigual. Em todos estes itens, fomos sendo superados por países que ficavam longe do Brasil da *saudosa época* da política do café-com-leite há mais de um século. É lastimável, um cenário tão devastador, em um texto que pretende olhar a Educação Física na perspectiva da esperança de tempos melhores; não fosse essa a matéria-prima do processo educativo e civilizatório, estaríamos, nós, professores e/ou pesquisadores, na profissão errada. O fio condutor aqui adotado percorre o arco que vai da identificação de inconsistências de natureza epistemológica até uma possível leitura que exige uma abordagem complexa no enfrentamento de problemas que são há décadas, grosseiramente simplificados.

Palavras-chave: Educação Física - Epistemologia - Pedagogia - Fenômeno.

Educación Física: más allá de la transdisciplinariedad, el fenómeno

Resumen

Hablar de una crisis en la educación y la Educación Física es al menos redundante, ya que durante décadas en la historia de la República brasileña, patéticamente, nuestra población estuvo mayormente al margen del desarrollo sostenible, la infraestructura, la industria, la seguridad pública, la educación y la consolidación de una sociedad menos desigual. En todos estos elementos, fuimos superados gradualmente por países que estaban lejos de Brasil en los últimos días de la política de café con leche hace más de un siglo. Es desafortunado, un escenario tan devastador, en un texto que intenta mirar a la Educación Física en la perspectiva de la esperanza de tiempos mejores; si esta no fuera la materia prima del proceso educativo y civilizatorio, nosotros, maestros y/o investigadores, estaríamos en la profesión equivocada. El hilo conductor adoptado aquí recorre el arco que va desde la identificación de inconsistencias de naturaleza epistemológica hasta una posible lectura que requiere un enfoque complejo para enfrentar problemas que se han simplificado enormemente durante décadas.

Palabras clave: Educación Física - Epistemología - Pedagogia - Fenómeno.

Physical Education Physical Education: beyond transdisciplinarity, the phenomenon

Abstract

Talking about a crisis in education and physical education is at least redundant, since for decades in the history of the Brazilian republic, pathetically, our population was mostly on the margins of sustainable development, infrastructure, industry, public security, education and the consolidation of a less unequal society. In all these items, we were gradually being overcome by countries that were far from Brazil in

the late days of the *coffee-with-milk* policy more than a century ago. It is unfortunate, such a devastating scenario, in a text that intends to look at Physical Education in the perspective of the hope of better times; if this were not the raw material of the educational and civilizing process, we, teachers and / or researchers, would be in the wrong profession. The guiding thread adopted here runs through the arc that goes from the identification of inconsistencies of an epistemological nature to a possible reading that requires a complex approach in facing problems that have been grossly simplified for decades.

Keywords: Physical Education - Epistemology - Pedagogy - Phenomenon.

Por que não se discute com radicalidade a epistemologia da Educação Física?

Na pergunta acima a expressão “Educação Física” tem sido substituída por “cultura corporal”, “movimento humano”, “pedagogia das condutas motoras”, “cultura corporal do movimento”, “cineantropometria”, “motricidade humana”, dentre outras. Não se trata apenas de um nome, ou de um detalhe de incidental histórico, mas sim, da identificação dos processos de construção de uma teoria do conhecimento que começou “ao contrário” da maioria das ciências, vejamos por quê.

Nossos ancestrais remotos, anteriores ao *Homo Sapiens sapiens*, obviamente já possuíam sua “humanidade” (homo ergaster, homo erectus, homo neardenthal, por exemplo); eram hábeis caçadores, e viviam suas vidas da melhor maneira possível, em um meio ambiente tão hostil quanto o atual. É fácil imaginar uma cena, onde eles, ao observarem uma noite de céu estrelado, ou um eclipse total do sol, se indagassem: “Aonde estamos? Por que estamos aqui? Para onde vamos? O que existe para além das estrelas?” São questões desta natureza que conferem, *a priori*, a dimensão transcendente da humanidade. Foi com a consolidação da fala, o domínio do fogo e a arte incipiente, antes da explosão cultural há mais 150 mil anos que começamos a contar a nossa história. Se reduzirmos a existência da *espécie homo sapiens* em apenas 60 segundos, só começamos a fazer *cultura*, nos últimos 1,8 segundos, ou seja, decorreu um tempo enorme até para a consolidação de bandos, clãs, tribos; da agricultura e das tecnologias que possibilitaram passarmos de majoritariamente predados à condição de predadores hegemônicos. *Cultura*, vale ressaltar, é aqui amplamente pensada, como fruto da intencionalidade humana em contar sua história, o que significa ter uma dimensão ôntica de sua existência. A força motriz de todos estes avanços foi realizada por homens e mulheres que com a concretude de seus corpos contavam sua história. Isto explica, ao menos parcialmente, porque a educação física e todos os “sobrenomes” (não sinônimos) citados no primeiro parágrafo, teve sua rica corrida epistemológica bastante diferente das outras ciências. Um exemplo: diferente da física, onde teorias e métodos são primeiramente pensados e depois testados (exemplo a Gravitação Universal de Newton), na educação física aconteceu o contrário, vivemos séculos, testando e redescobrimo; reinventando nossos corpos e suas possibilidades de desdobramentos para além do corpo físico, em corpos sociais, históricos, afetivos

e a partir daí é que pensamos uma epistemologia para a “educação física” (e seus sobrenomes). Talvez isto seja um reflexo de ações teleológicas que Habermas (1981) bem destaca, afinal, filosofar é quase um luxo para “quem tem fome de tudo”. Habermas será retomado mais adiante; é neste cenário construído até aqui que serão explicitadas algumas indagações na tentativa de responder, sem a menor intenção de ser universal, a pergunta colocada no subtítulo acima.

Um desafio intrigante refletir sobre a suposta hegemonia biológica sobre qualquer abordagem cultural *na* e *da* Educação Física, posto que existem diferenças entre uma abordagem cultural *na* Educação Física e *da* Educação Física, onde na primeira, a mesma é o “objeto de estudo”, expressão que traz consigo uma reificação da Educação Física, contra a qual não existe argumento defensável, mas que, apesar disto, é recorrente. Usando uma metáfora: isto é tão patético quanto, por exemplo, um brilhante jogador de futebol sair falando do impacto sociológico deste esporte na modernidade líquida que Bauman (2000) defende, sem nunca ter lido nada a respeito. Em filosofia isto se chama *opinião*, ou seja, “todo conhecimento (ou crença) que não inclui garantia alguma da própria validade” (Abbagnano, 1986). Em tempos de *blogs* e redes sociais o que menos interessa, sob o ponto de vista da cientificidade, são *opiniões*, que não raro, descambam até para o “exercício ilegal de várias profissões”. A legitimação das opiniões massivas oriundas das redes sociais é um fenômeno que precisa ser estudado com mais radicalidade, pois, como já vimos, elas tendem a polarizar posições políticas, a influenciar em eleições através de robôs, defender teorias conspiratórias e até, como afirma Popper (1984), pseudociências, como terraplanismo, criacionismo, astrologia, dentre outras. Na Educação Física, é abundante, o número de discursos pseudocientíficos de natureza biológica nas redes sociais.

Portanto, abordagens culturais *na* Educação Física sempre foram recorrentes e vivemos sob a hegemonia da primazia biológica que enquanto construção cultural, se apropriou do objeto movimento humano, dando inclusive, importantes contribuições para a área. Tal hegemonia dura mais de um século quando foram propostas diversas abordagens higienistas para a Educação Física. Em relação às abordagens culturais (e suas diferentes matizes) *da* Educação Física, aqui compreendidas como aquelas que emergiram dentro de programas de mestrado e doutorado na área, com uma clara identificação epistemológica que tem se legitimado nos últimos 30 anos. É evidente que não será levantada aqui nenhuma bandeira de uma ou outra, pois à medida que reforçarmos polarizações, se romperá com o pressuposto epistemológico estruturante desta reflexão: o da complexidade. Este esforço intelectual de despolarizar aquilo que está tensionado, Morin (2004) chama de princípio dialógico, que compreende as polarizações como estruturantes da complexidade inerente ao *fenômeno* estudado. O grifo intencional na palavra fenômeno é evidente, afinal, a ciência se debruça sobre *fenômenos* e não sobre objetos de estudo. Para esclarecer como fenômeno é apreendido à luz da teoria da complexidade, é importante uma breve referência ao princípio holográfico, que afirma: *o todo é mais que a mera soma das partes*; na Educação

Física, portanto, o fenômeno do movimento humano, é mais que a soma dos conhecimentos oriundos de “disciplinas” como fisiologia, biomecânica, aprendizagem motora, atividades rítmicas, esportes coletivos, dentre tantas outras que compõem a matriz curricular de uma graduação. Estudar, pesquisar e principalmente viver o *fenômeno movimento humano*, pressupõe a certeza de que a beleza daquilo que é humanamente construído está, na e para além, da sua pluralidade, o que Vilela Junior (2015) chama de *transfenomenalidade*.

Mas o que é um fenômeno na Educação Física?

O conceito de *fenômeno* foi exaustivamente estudado por filósofos ao longo da história, mas existe uma clara fronteira a partir da concepção que Kant (2010) dá a este termo; para ele o *fenômeno* é diferente do *nômeno*, posto que se refere não ao objeto em si mesmo, mas nas relações entre o objeto e o sujeito que o observa, sendo indissociável a relação entre ambos. É evidente a colisão da concretude de um objeto em si e a (in)capacidade humana de compreender plenamente estas relações. Isto, epistemologicamente, causa muito desconforto em pesquisadores que teimam em defender a suposta supremacia humana diante do universo. Em oposição ao fenômeno, para Kant (2010), o *nômeno* se refere ao conhecimento intelectual puro, usualmente pensados na metafísica ou até mesmo em algumas teorias da física moderna, dada a impossibilidade apriorística, do pesquisador estabelecer alguma relação com este conhecimento que não seja passível de ser confrontado com a realidade. Vejamos dois exemplos na Educação Física, assumindo o risco de sua simplificação extremada:

1º exemplo: Vários pesquisadores na área (Betti, 1998; Pires *et al.*, 1999; Carvalho, 2001; Daolio, 1997; Soares *et al.*, 1992; Zylberberg, 2000) se referem e utilizam o conceito de *cultura corporal do movimento*, se referindo a toda prática que envolva o movimento voluntário do corpo humano consolidado culturalmente. Entretanto, este termo causa um estranhamento inicial, posto que ficam as questões: o que no humano não é cultural? Se existe uma *cultura corporal*, então existiria uma *cultura não-corporal*? Ou trata-se de um mero vício linguístico? E mesmo que de fato exista uma cultura corporal, então, isto não seria um *déjà-vu* do clássico dualismo corpo alma? E assim, mais uma vez, a Educação Física se esvai na simplificação epistemológica do reducionismo? Para uma possível resposta a estas inquietações, vale lembrar a máxima do Henri Poincaré (1988) “nada é simples, tudo é simplificado”; uma maneira elegante de falar que a Educação Física está imersa numa miríade de fenômenos complexamente articulados em rede. A lógica subjacente a esta rede de fenômenos é, em uma metáfora: uma soprano ao vibrar suas cordas vocais com fluxos controlados de ar, cantando a música La Habanera (“*L’amour est un oiseau rebelle*”) da ópera Carmem de Bizet, para além do preciso e virtuoso

movimento voluntário que faz com seu corpo, emite sons que encadeados formam palavras e sentenças verbais e musicais que faz a plateia se emocionar e ficar em puro êxtase diante de tamanha beleza. Um “simples” encadeamento de sinais sonoros, um fenômeno físico que se desdobra em fenômeno cultural que ecoa na complexa rede da existência humana.

2º exemplo: Admitamos que na final da copa do mundo de 2022 no Qatar, a decisão vai para os penaltys; será cobrado o último deles. O megaevento chega ao seu ápice, dentro de 10 segundos a história consagrará ou não aquele jogador e seu país. Não se trata, obviamente, de um mero fenômeno biomecânico (o chute). Milhões de torcedores vibrarão de tanta felicidade coletiva, outros milhões vão lamentar e verão o sonho de ver seu país campeão. O jogador respira fundo e posiciona a bola; neste momento o que passa em sua mente? Cenas de sua infância? Sua trajetória dos primeiros chutes brincando com seu pai e irmãos? Ou, não pensa em nada disso e está ali, em um momento de profunda solidão no centro de bilhões de olhares? Ela já recebeu a informação que o goleiro adversário salta para a esquerda em 80 % das defesas que tenta realizar. Mas o goleiro sabe que ele sabe disto. Um gesto locomotor que ele repetiu, talvez, milhões de vezes na vida, mas que todos foram diferentes entre si. Mas ele sofre (muitas vezes, sem ter consciência disto) pressões oriundas de outros fenômenos, sua história de vida, sua religiosidade (caso a tenha), suas relações afetivas, seu *sentimento-do-mundo*, como diria Drummond. O juiz apita, ele respira e faz uma pequena corrida, a musculatura potente gera energia que será transferida para o pé que colidirá com a bola, esta colisão dura alguns milésimos de segundo, este tempo tão diminuto, será decisivo para o sucesso da cobrança do *penalty*, que foi influenciado por toda rede de fenômenos. Isto é a transfenomenalidade explicitada em tudo que fazemos na vida, que talvez seja “simplificada” para que seja vivida e parodiando Fernando Pessoa: “a ciência não é uma ideia minha, a minha ideia de ciência é que é uma ideia minha”.

Para um repensar pedagógico da Educação Física

A práxis da Educação Física acontece em situações pedagógicas, na escola, na recreação, na formação, nos jogos e brincadeiras, no universo *fitness*, no esporte de alto rendimento, no mundo do trabalho, dentre outras. Limitar o locus “espaço escolar” aos muros da escola é tão patético quanto engaiolar canarinho da terra. É pensar reducionista que não raro faz da escola a parte enfadonha do dia, onde o momento mais importante é a hora do lanche, única refeição do dia para milhares de alunos. E a fome lá fora parece mais cruel para crianças, jovens, adultos e idosos, que pela falta de educação gratuita e de qualidade, prometida na Constituição Brasileira é apenas letra bonita e morta. O que aqui se afirma é a necessidade de compreender a vida inteira como tempo de aprendizados que não se esgotam. É

afirmar que entre fenômenos amplamente conectados, pedagogicamente, vamos lapidando e sendo lapidados, numa clara intencionalidade entre seus atores e assim viabilizar a ação comunicativa que Habermas (1997) tão claramente expôs.

Por que a transfenomenalidade como base epistemológica da Educação Física?

Usualmente, na perspectiva da prática pedagógica a educação física continua a apresentar e adotar em diferentes contextos abordagens distintas tais como: 1) as ditas tradicionais, associadas ao esporte e à aptidão física; 2) as “alternativas”, como a desenvolvimentista, construtivista, promotora da saúde e ‘cultural”. 3) E as chamadas críticas ou desenvolvimentistas, como aulas abertas à experiência, crítico superadoras e crítico emancipatórias. É claro que todas deram e continuam dando contribuições importantes nas diretrizes teóricas e práticas para o profissional de Educação Física. Falar que uma é melhor que a outra é tão inócua quanto falar que suco de laranja é melhor que suco de uva. Isto, por uma razão simples: a práxis é que faz a diferença. Vale mais, uma delas com uma práxis coerente e que possibilite aos atores envolvidos a construção do conhecimento desejado, do que uma outra, adotada, não raro, pelo fato de ter virado um “modismo”, que não concretize práxis alguma.

O argumento que a educação é um exercício também político, é redundante, somos seres políticos e pensar um mundo sem política parece tão patético quanto pensá-lo sem bactérias e vírus. O duplo sentido da frase é intencional, afinal, o mundo e especialmente a sociedade brasileira está passando por profundas transformações relativas às políticas públicas e privadas educacionais. No horizonte, já se avista a chamada Educação 5.0, com experimentos (inclusive no Brasil) com professores robôs com inteligência artificial (IA) substituindo professores humanos. Na Georgia Tech University, em 2015, 300 alunos realizaram um curso *on-line* com a professora Jill, ela foi eleita por eles como a melhor professora do curso, e só ao término do mesmo, foi revelado aos alunos que Jill era um robô com inteligência artificial (Vilela Junior, 2020).

Trata-se de uma questão de tempo apenas, a Educação 5.0, já é uma realidade, e transformará todos os processos pedagógicos de uma maneira talvez superior ao impacto que a imprensa de Gutenberg produziu. Como ressalta Aoun (2017) em todo campo de atuação profissional (inclusive professores) a diferença se dará naquilo que o humano parece ser insubstituível: o trabalho criativo e a educação, pela e para a vida toda. As universidades são excelentes instâncias de criatividade e inovação, e devem, cada vez mais, valorizar e estimular ações neste sentido entre seus atores. Isto é sinalizar claramente à sociedade, que nós professores e pesquisadores, vemos nas novas tecnologias aliadas importantes, mas na grandiosidade milenar de ser professor, existe uma dimensão transfenomenal, que algoritmo algum será capaz de chegar perto: aquele brilho no olhar de seu aluno, que não verbalizando

nada, está dizendo tudo e agradecendo que você professor está transformando sua vida pra melhor. O humano é ser movente, inquieto, sagaz, que não suporta amarras, e nada é mais virtual que nossa mente que sonha, especula, indaga, concorda e discorda, cria; e entre fenômenos, luta e vive o seu-nosso *Ubuntu*, que na língua africana xhosa significa: eu sou, porque nós somos! Um belo exemplo de transfenomenalidade e esperança.

Considerações Finais?

Diante da impossibilidade epistemológica de colocar um ponto final em qualquer discussão acerca de fenômenos, dado que tudo está em movimento, aqui foi realizada uma breve reflexão-refração que, ao mesmo tempo que reflete algumas objetividades do professor/pesquisador em sua atuação pontual, também refrata, transpassa, por outros fenômenos que são universais. Nossos ancestrais estavam corretos, é preciso olhar o céu estrelado, que é muito mais do que apenas olhar o céu estrelado.

Referências

- ABBAGNANO, N. (1986). **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Cultrix.
- AOUN, J. (2017). **Robot-proof: Higher Education in the Age of Artificial Intelligence**. Cambridge: MIT Press.
- BAUMAN, Z. (2012). **Liquid modernity**. Cambridge: Polity press.
- BETTI, M. (1998). **A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física**. Campinas: Papirus.
- PIRES, G. L.; *et al.* (1999). Recepção à mídia esportiva entre acadêmicos de Educação Física da UFSC: estudo sobre opiniões conforme posição na estrutura curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 1, p. 389-394.
- CARVALHO, Y. M. (2001). **O mito da atividade física e saúde**. São Paulo: Hucitec.
- DAOLIO, J. (1997). **Cultura: educação e futebol**. Campinas: Unicamp.
- HABERMAS, J. (2012). **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes.
- KANT, I. (2010). **The critique of pure reason**. Trad. J. M. D. Meiklejohn, Editor: PSU-Hazleton, Hazleton, PA.
- MORIN, E. (2005). **Introduction à la pensée complexe**. Paris: Editions du Seuil, 2005.
- POINCARÉ, H. (1988). A ciência e a hipótese. Brasília: UNB.
- Popper, K. *The logic of scientific discovery*. New York: Francis & Taylor. 2005.
- SOARES, C. L. *et al.* (1992). **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortes.
- VILELA JUNIOR, G. B. (2020). Você está preparado para a Educação 5.0? **Revista CPAQV**, v. 12, n. 2, p. 4-6.

VILELA JUNIOR, G. B., Passos, R. P. (Org.). (2020). **Reflexões epistemológicas na área da saúde.** Campinas: CPAQV.

VILELA JUNIOR, G. B. (2020). Inteligência artificial na educação: a reinvenção da construção do conhecimento? In: Viana, H. B. *et al.* (Orgs.). **Novas tecnologias e novas práticas educacionais.** Engenheiro Coelho: Unaspress.

ZYLBERBERG, T. (2000). **A internet como uma possibilidade do mundo da (in)formação sobre a cultura corporal.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas: Unicamp.